A VIRGEM DA CADEIRA: PINTURA DE RAPHAEL.

Raphael Sanzio, geralmente chamado de Urbino por ser natural desta cidade, é o nome mais popular de todos os pintores insignes, o seu estilo fez eschola que permanecerá em quanto houver bom gosto em materia d'artes. Raphael foi um genio assombroso e alem disso fecundissimo, pintou muito e excellentemente. Nasceu em 1483; e a sua carreira artistica divide-se em tres periodos; o primeiro acaba na visita que fez a Florença em o outono de 1504; o segundo comprehende desde esta data até que foi chamado a Roma pelo papa Julio 2.° quasi no meado de 1508; o terceiro chega á sua morte acontecida em 1520. Em tão breve existencia, que não passou de 37 annos, este insigne homem adquiriu fama immortal, e deixou numerosas e perfeitissimas pinturas, que adornam palacios e templos, e as mais celebres galerias da Europa: um quadro de Raphael reputa-se um thesouro. São admiraveis as muitas pinturas que fez da Santissima Virgem e do Menino; a nossa gravura é uma debil imitação da que denominam *da Cadeira* porque representa a Senhora sentada com o Menino no collo. — De mestre tão eminente possuimos agora em Lisboa a copia do ultimo e melhor quadro: a Transfiguração de Christo. Esta concepção sublime do maior genio que tem acreditado as modernas escholas de pintura, foi trasladada por um artista portuguez com tanta fidelidade e sem lhes deslustrar as bellezas que os entendedores affirmam que a tem pela copia mais excellente de tão soberbo original. O Sr. Antonio Manuel da Fonceca, que por suas obras mostra os proveitosos estudos que fez em Roma, a capital do imperio das artes, sobretudo se applicou a decifrar as bellezas das composições do insigne Raphael: a copia da — Transfiguração prova o bom exito dos seus desvelos em sondar, para assim dizer-mos, o estilo de auctor tão distincto; pois que pela similhança do mesmo estilo, pela correcção no desenho, pela imitação do colorido, em summa pela escrupulosa fidelidade tem merecido grandissimo apreço o seu trabalho, apesar de ser um transumpto: mas de que origi-

nal: e quão magistralmente desempenhado! Temos demais a vantagem de ser a copia trasladada em dimensões iguaes ás do quadro primitivo. Deve Portugal esta acquisição á diligencia e talento pictorico do Sr. Fonceca, a quem tributamos desinteressados louvores. Nem se diga que n'uma copia não ha merito, porque só a maledicencia ou a inveja é que póde tal dizer; e aqui estamos nós com a alçada litteraria dos melhores criticos que provaremos quão subida é a valia de uma perfeita traducção, tanto mais difficil quanto o original é mais primoroso. O quadro de que fallâmos e que nos consta pertencer ao Ex.mo Sr. Conde do Farrobo, acha-se por concessão do mesmo Sr. em a nossa Academia de Bellas-Artes, e delle estão tirando copia os nossos artistas, os S.res Gregorio Rato e Franco,

---

A batalha d'Alcacer-quivir, e a invencivel armada (*).

Que laço mysterioso atava estes differentes acontecimentos? Havia porventura uma cadèa providencial, que em aneis successivos os viesse prendendo uns aos outros?

Os gabinetes d'Hespanha tiveram-nos sempre em conta de provincia rebellada: e sobre esta nesga de terra, e suas vastas possessões; sobre esta fronteira inimiga; sobre este ponto tão commodo para as tentativas de nações rivaes — estava cravado constantemente o olho vigilante da sua politica, e o pensamento tenaz da sua ambição. Portugal, chegado ao apogeu da grandeza no reinado verdadeiramente *octaviano* de D. Manuel, tinha por força de declinar, assim que o genio de seus monarchas fosse desigual á extensão desmedida de suas colonias. A intelligencia do governo da metropole, e seus delegados na Asia, Africa, e America, havia de correr com a presteza do stadiodremo dos tempos antigos um territorio de muitos milhares de leguas, separado por longas distancias; e supprir com habilidade politica, e recursos tirados aos paizes da conquista, o que lhe faltava no proprio, tão pequeno e mingoado de população como era. Nesta luta de esforço e sagacidade contra tantas nações, e reis tão poderosos; contra linguas, costumes, religiões, e prejuizos tão diversos — se o prestigio moral do nome portuguez viesse a quebrar-se; se a metropole faltasse com a remessa continua de frotas, e de soldados; se nossa patente de marinheiros e coloniadores expirasse — roto estava o equilibrio, e desmanchado, mais cêdo ou mais tarde, o artificio do nosso poder. Para conserva-lo, e na sua integridade, cumpria que a fortuna, tão constante, d'elrei D. Manuel se transmittisse aos seus successores: que a severa eschola de D. Francisco de Almeida, o primeiro vice-rei, sobrevivesse ao seu fundador: que a cabeça e a espada d'Alboquerque fossem herdadas pelos que governaram a India depois delle: e que as nações maritimas, e emprehendedoras da Europa se conservassem eternamente na menoridade, em que se achavam ao tempo dos nossos descobrimentos. A sabedoria com que um grande rei, D. João 1.°, tolerava e protegia os judeus, não era acceita, nem entendida pela superstição popular daquellas eras. O espirito religioso que, associado á cobiça do ouro, e á paixão das aventuras, fôra parte para os descobrimentos — convertido depois em fanatismo intolerante contribuiu para a expulsão dos judeus, que nos privou de cabedaes necessarios para manter os dominios ultramarinos. O estabelecimento da inquisição em Gôa afugentou daquelle centro e emporio do nosso commercio d'Asia não só as nações, que negoceavam comnosco por terra; mas os navios mercantes de outras — por o receio da perseguição, e visita do santo officio que, a titulo de inspeccionar o estado sanitario das almas, se appropriava dos corpos, e confiscava os bens. Accrescente-se o peccado endemico, peculiar do nosso paiz, e inimigo mortal dos melhores intentos — a inveja — tão bem definida pelo nosso Barros naquelle dito agudo; *que aos portuguezes mais lhe doe, e se indignam polo que dão a seu visinho, que polo que elles não recebem.* Ajunte-se o peculato; o nepotismo; os desacertos administrativos e economicos do seculo; a auctoridade, e aquelle fallar franco e patriotico dos tres estados substituido por mexericos de côrte, e a privança dos jesuitas (**); e sobretudo a jornada d'Alcacer-quivir. E assim será facil alcançar como o nosso astro subindo ao seu zenith no reinado de D. Manuel, estacionario no de D. João 3.°, começou a declinar no de D. Sebastião, e desappareceu de todo no tumulo do cardeal rei.

Desappareceu! . . . . . .

A Hespanha mais rica de nossos despojos, e engrandecida com os nossos desastres, assombrava então o mundo; e onde não abrangia o imperio de suas leis, mandava ella o influxo do catholicismo, missionario em seu nome. Mas esta monarchia colossal tinha contra si fortes adversarios, e em seu seio elementos activos de dissolução. Contra o seu poder religioso estava Luthero [ainda depois de morto]: contra o politico uma instituição antiga e tradicional naquella terra — *a liberdade* — supplantada então por outra, fabrica de Carlos 5.°, que era exotica e muito moderna — *a obediencia passiva*. Contra o principio do seu governo unitario e central os habitos do seu povo, essencialmente federaes e municipaes: contra o systema prohibitivo, e o monopolio das minas e das colonias, o espirito commercial. As municipalidades e villas que se haviam levantado á voz de Padilha — despojadas de seus privilegios, infelizes, e abatidas — murmuravam ainda assim. A Flandres insurgia-se contra Fillippe 2.° a impulso do protestantismo e da independencia nacional. Inglaterra já começava a piratear: e havia alguns annos que Drake, seu corsario, lhe trouxera grande copia de ouro, colheita de suas rapinas naquella parte do oceano indico pertencente á corôa d'Hespanha; e que este mesmo corsario chegára a accommetter, postoque sem bom exito, a ilha de Cadiz: segundo refere Marianna. Isabel protegia com dinheiro e soldados a rebellião das provincias unidas contra Filippe e o papa; contra o dominio temporal de um, e o dominio espiritual de outro.

Que fariam os dois monarchas?

Trataram de oppôr Maria Stuart a Isabel — a mulher bella, meiga, romanesca, catholica, á mulher inflexivel, tençoeira, astuciosa, e herege. Isabel escapou incolume a todos os tramas armados contra a sua vida por emissarios papistas; e n'uma sala do castello de Fothringhaye fez erigir o cadafalso donde rolou a cabeça da sua infeliz rival [1587]. Filippe e Xisto 5.° quizeram vingar este regicidio.

(*) Continuado de pag. 303.

(**) Os conselhos nacionaes foram progressivamente decahindo desde D. João 2.°: D. Manuel, em seu longo reinado, apenas os reuniu quatro vezes; D. João 3.° tres.

A conjunctura era propicia: havia treguas com o turco: o sceptro do imperio estava em mãos d'um amigo e alliado: França dilacerada por discordias intestinas. Em 1588 levantou ancora do porto de Lisboa essa esquadra estupenda — famosa até no epitheto de *invencivel armada* — em demanda das praias britannicas; em castigo d'uma protestante; em desafronta de Roma, e de Hespanha; em nome do catholicismo e da inquisição contra a heresia; da supremacia monarchica do herdeiro de Carlos 5.º contra o orgulho de uma corôa de segunda ordem; da primeira potencia naval da Europa contra a arrogancia insolita d'uns flibusteiros sem reputação.

Equiparia Filippe para tal commettimento esta frota formidavel, que alguns dizem composta de 350 velas, e 76:800 combatentes, incluida a marinhagem, se não fôra o nosso infortunio d'Africa; e a corôa de Portugal não estivera encorporada na corôa de Hespanha? É licito duvidar, presumindo mais depressa que o monarcha hespanhol não tentaria empreza tão arrojada sem estar de posse desta orla maritima no ultimo occidente da Europa, e sem ter vinculado ao seu sceptro as ricas possessões portuguezas; em ordem a consolar-se da perda [possivel] de tamanho armamento. Quando lhes vieram annunciar a dispersão da frota quasi destruida pela tempestade, ouviu a noticia com socego; proferindo apenas estas palavras: «tinha mandado a minha armada para combater os inglezes, não os elementos.» Isabel que não contava, talvez, com o auxilio do céu, recorrêra a outro. No intuito de repellir os invasores havia disposto ao longo da costa do sul 20:000 homens: feito acampar em Tilbury um exercito de 22:000 infantes, e 1:000 cavallos: a um outro, de 24:000 de pé, e 2:000 de cavalleria, tinha reservado para guarda da sua pessoa: no mar tinha apparelhadas duas esquadras — a principal para combater a hespanhola; a segunda para impedir a juncção das forças do principe de Parma, então logar-tenente de Filippe na Flandres, com as forças dos invasores. Valeu-se tambem de outras armas. Refere Hume — que fallou ao povo por meio de proclamações, recordando-lhe as barbaridades de Maria contra os protestantes; a tyrannia de Hespanha; as mortandades na India, e America; as frequentes execuções nas provincias unidas; as crueldades da inquisição: — e que até fizera espalhar muitas pinturas representando os tormentos dados ás victimas do sanguinario tribunal, e os instrumentos de tortura, de que vinha, ao que diziam boatos divulgados por entre a multidão, bem provida a armada. Mas todo este apparato de resistencia, e estratagemas teria sido insufficiente, se um temporal não salvasse Inglaterra.

Assim o creu Isabel, que veio, em grande pompa, á igreja de S. Paulo de Londres, render graças ao Altissimo. Quem diria que esse velho templo, ha tantos seculos depositario das orações de um povo pequeno, pobre, barbaro, ignorado — em menos de dois seculos e meio depois deste acontecimento, havia de receber em seu recinto os cidadãos de um vasto e poderoso imperio! Hoje, quando se folheia a historia d'uma potencia, senhora de sete mil milhões de libras esterlinas em capitaes, e propriedades de toda a especie — d'uma população de 150 milhões d'almas — d'um territorio de 4:457:598 milhas quadradas na Europa, na Asia, na America, na nova Hollanda — de 26:037 navios mercantes, alem dos de guerra, e dos vapores — obedecendo ao seu aceno nove mares, e os seis maiores golphos do mundo — causa espanto que pouco mais de dois seculos bastassem para chegar a tamanha elevação; e que tanta opulencia podesse estar pendente do capricho d'um acaso!

Incomprehensiveis segredos da Providencia, que por caminhos assim encobertos fez trabalhar tantas causas secundarias, e tantos acontecimentos, ao parecer pouco importantes, no engrandecimento de um povo! O exclusivo da venda das indulgencias, transferido dos augustinianos allemães para os dominicanos, instigou um frade da ordem prejudicada a levantar, por entre o erroneo e offensivo do scisma, o brado da reforma religiosa [1517] — e a protestar, em nome da rasão humana, contra o absolutismo, introduzido no fôro da consciencia. A belleza de uma mulher, a celebre Anna Bolena, contribuiu para a extincção da auctoridade papal na Inglaterra [1534]; para a suppressão dos mosteiros; e para se distribuir por particulares os sete decimos da propriedade de raiz, que até alli eram da igreja. A imprudencia d'um mancebo sepultou nos areiaes d'Africa a flôr do nosso exercito e a esperança da monarchia. A má estrella de um paiz, que havia de ter dois reis, castrado um pela politica, o outro pela velhice, convertendo Portugal em provincia de Castella, cooperou na tentativa da *invencivel armada*. A invencivel armada destroçou-se ás mãos de uma tempestade. E esta tempestade preservou o germen e os destinos de um grande poder maritimo e commercial. E depois esse poder herdou da nossa incuria, e do nosso infortunio os fructos do nosso genio, e os trabalhos de nossos avós. Esses cabos que elles dobraram — esses mares que saudaram os seus triumphos — essas terras que foram theatro de suas façanhas — essas corôas que se abateram aos golpes de suas espadas — essas nações que se prostraram ao valor de seu braço — passaram para outro senhor: e de tantas conquistas e descobertas resta-nos hoje, quasi solitaria, a lembrança de as ter feito, e a gloria de as ter cantado — as Decadas d'Asia, e a Epopea immortal de Camões!

Neste periodo, testemunha de tamanhas lutas, e alvorada de tantos progressos — em que a espada, a corôa, e a dialectica do catholicismo, representadas por personagens historicas, estiveram em combate porfiado com a espada, a corôa, e a dialectica do protestantismo, igualmente personificadas — nós, quasi estranhos á contenda, eramos impellidos pelo ardor das descobertas maritimas, e ajudavamos á laboriosa tarefa da humanidade, prestando-lhe avultado escote no aperfeiçoamento da arte a mais civilisadora e a mais difficil de todas — a navegação — e no ensino do officio o mais proveitoso e o mais universal dos que se conhecem — o commercio. No mesmo seculo em que Guttemberg preparava um novo conductor para a intelligencia [1435] — abria Vasco da Gama um novo mundo á industria [1498]: e ao mesmo passo que a Alemanha annunciava o primeiro crepusculo da tolerancia dos cultos, e o primeiro ensaio da liberdade de exame na ordem moral [1517]: nós, explorando novos mercados, e novas riquezas, promoviamos sem estampido o ascendente da classe media na ordem politica. Como podia o pensamento humano, vestido de azas pelo grande cidadão de Moguncia, continuar a gemer abafado debaixo dos paralogis-

*

mos da eschola, preso ao cêpo da censura, mettido no estreito carcere do *indice expurgatorio*? Como podia o mercador hollandez, prohibido por Filippe 2.° de vir, commerciante pacifico, comprar a Lisboa o artigo do seu maior trafico — a canella — deixar de ir, guerreiro e conquistador, buscala na ponta da espada ao seu bêrço colonial? O monopolio do commercio havia de ter um termo, bem como a escravidão da consciencia em materias religiosas, e a tutella da auctoridade em materias scientificas.

Se houve um tempo em que a nós, paiz pequeno e continental, tocou o encargo de acrescentar, pelo adiantamento da nautica, aos mappas e á communhão da Europa paizes, e regiões vastissimas: desempenhámos, e gloriosamente, [a historia faz-nos justiça] este encargo. Se houve um povo, que na embriaguez de novas conquistas, descuidou a agricultura, a população, e a industria do solo natal, e que depois perdeu as conquistas, alem de outras causas, pelo descuido com que olhou as artes da civilisação na terra da patria: nós — que somos esse povo — pagámos, e duramente, este erro fatal, e abdicámos sem compensação a soberania das colonias, e o sceptro do oceano.

A. de O. Marreca.

O COLLAR DO TOSÃO D'OURO.

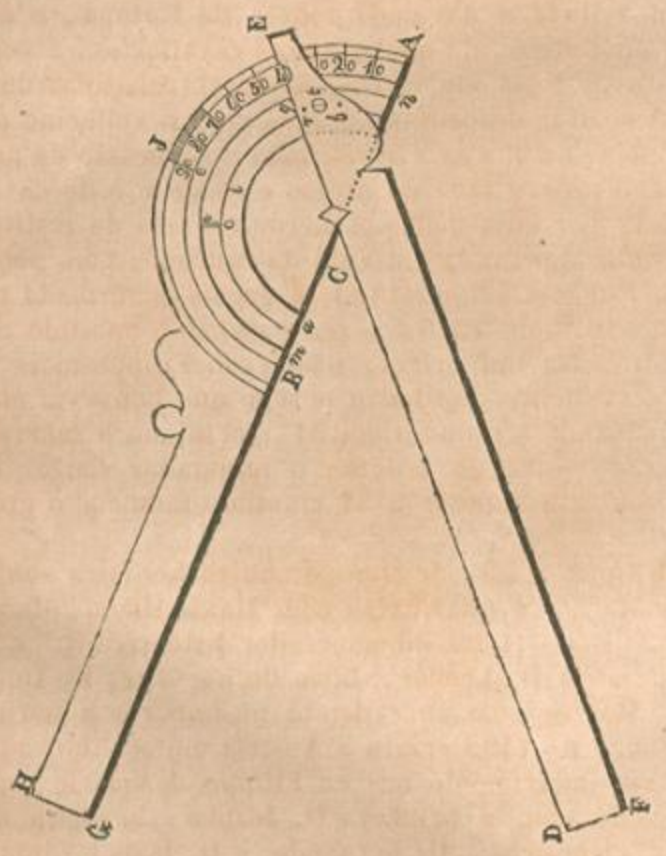
Parece uma singular predestinação a nomeada, que adquiriram todos os filhos do nosso inclito monarcha D. João 1.°, que chegaram á maioridade: desta próle celeberrima foi na ordem do nascimento a sexta a infanta D. Isabel, que veio ao mundo em Evora aos 21 de fevereiro de 1397. Filippe *o bom* duque de Borgonha, conde de Flandres, principe mui poderoso e respeitado, e tronco de mui illustres casas reinantes, sollicitou e alcançou a mão desta princeza, e tanto foi de seu aprazimento o consorcio que o eternisou com a instituição da famigerada ordem do tosão d'ouro, estabelecida em honra da nossa infanta e memoria do caso logo no dia da celebração das vôdas, que foram festejadas em Bruges, onde o esposo recebeu a princeza, com magnificencia até alli nunca vista, como [entre outros AA.] póde vêr-se do que relata Duarte Nunes de Leão na Chron. de D. João 1.°, cap. 101, referindo-se aos escriptores flamengos.

Ha em varios livros notavel equivocação a respeito da data da creação da ordem, e por consequencia do dia do casamento da infanta: lemos em algumas partes que fôra a 10 de janeiro de 1429, quando a verdade é que teve logar em igual dia mas do anno de 1430; o engano procede do diploma do duque instituidor, porque o seu secretario seguiu o estilo de computar dito gallicano, em que se começavam a contar os annos da era christaã, não do dia da Circumcisão [1.° de janeiro], mas do tempo da Paixão ou da Paschoa, isto é, tres mezes depois: nem outra cousa podia ser, pois que a infanta, recebida por procuração a 24 de julho de 1429, partiu de Lisboa para Flandres acompanhada de uma armada de 39 velas e chegou a Ecluse no dia de Natal do mesmo anno de 1429. Com toda a miudeza podem ver os curiosos esclarecida esta data no opusculo do erudito P.e Antonio Pereira de Figueiredo, que se intitula, *Origem da insigne ordem militar do tosão d'ouro*. Ahi mesmo acharão as differentes opiniões ácerca da insignia da ordem que lhe dá o nome, o vellocino, ou cordeirinho de ouro pendente do collar: os fundamentos em que todas ellas se estribam não temos por muito rasoaveis, ainda que pertendam derivar-se de algumas palavras da prefação dos estatutos. Alguns modernos dizem que Filippe quizera symbolisar o auge de perfeição a que em seus estados chegára a manufactura dos lanificios, que não tinha rival na Europa; esta explicação é mais natural, mas póde ser que não seja verdadeira. Seja como fôr, esta ordem militar é das mais nobres da Europa: o collar ou cadeia, de que usam os cavalleiros, é composto de fusis em que se veem entrelaçadas umas pederneiras despedindo faiscas com o vellocino por pingente: a insignia acompanha a concessão da graça, é propriedade da ordem e só do uso do cavalleiro, por cuja morte os herdeiros tem de restituila. Foi approvada em vida do fundador pelo pontifice Eugenio 4.° em 1433, e depois confirmada por Leão 10.° em 1516: é seu patrono o apostolo St.° André. Na sua origem não creou Filippe mais de 23 cavalleiros, ordenou porem que houvesse mais 8, fixando o numero em 31, incluindo o soberano e grão-mestre da ordem: o imperador Carlos 5.° elevou este numero a 51 entrando tambem o grão-mestre.

Filippe *o bom* deixou por unica herdeira sua filha Maria, a qual casou com Maximiliano, duque de Austria, filho do imperador Friderico 3.° e da imperatriz D. Leonor, filha do nosso rei D. Duarte. Maximiliano succedendo no imperio a seu pai no anno de 1492 erigiu a Austria em archiducado; do seu matrimonio nasceu Filippe d'Austria, que casando com a princeza D. Joanna, herdeira dos reis catholicos, D. Fernando e D. Isabel, juntou por este meio os estados do duque de Borgonha á monarchia d'Hespanha: desde então tem sido os reis d'Hespanha os que conferem a ordem do tosão d'ouro: succedeu-lhe seu filho Carlos 5.°, e de Hespanha 1.°, monarcha o mais poderoso do mundo, que abdicou em seu filho Filippe 2.°, renunciando com a coróa o grão-mestrado do tosão d'ou-

ro. Até então os cavalleiros desta ordem eram eleitos em capitulo á pluralidade de votos: mas Filippe alcançou em 1572 breve do papa Gregorio 13.º que lhe concedeu o poder de conferir a ordem como bem lhe parecesse, sem dependencia da corporação dos cavalleiros. Ficou assim a ordem sob a administração dos monarchas d'Hespanha, não como successores dos reis catholicos, mas como herdeiros do instituidor, o duque de Borgonha. — Extincta a linha austriaca por morte de Carlos 2.º, fallecido sem successão em 1700 passou a corôa de Hespanha ao ramo dos Bourbons na pessoa do duque d'Anjou, Filippe [o 5.º], neto de Luiz 14.º de França e da rainha Maria Theresa d'Austria, irmaã do sobredito Carlos 2.º Com a corôa transferiram-se os direitos annexos aos reis austriacos, e portanto o grão-mestrado do tosão d'ouro, postoque durante a guerra de successão Filippe 5.º e o seu competidor o archiduque Carlos disputassem entre si o exercicio desta dignidade, e de que ambos usaram, durante a vida do archiduque, quando já imperador d'Alemanha com o nome de Carlos 6.º; porem por fallecimento deste ficou só em elrei de Hespanha o titulo de cabeça e soberano da citada ordem.

A principio todos os cavalleiros tinham obrigação de trazer sempre e descoberto o collar, porem como isto era incommodo dispôz Carlos 5.º em 1516 que o usassem sómente nos dias de grandes festividades, trazendo de ordinario apenas a insignia do vellocino ou tosão, pendente de um cordão de seda ou de ouro; e assim se ficou praticando. Vai n'um seculo que a capella real de Madrid a está sendo tambem da ordem para se conferir o habito aos cavalleiros, e para a celebração da festa do padroeiro, Santo André.



DIEDROGONOMETRO, OU INSTRUMENTO PROPRIO PARA MEDIR ANGULOS FORMADOS POR DUAS FACES PLANAS, INVENTADO PELO SR. IPACIO VIELLE.

Os PORTUGUEZES são dotados de uma modestia por extremo excessiva, á qual é devido o desfavoravel conceito que alguns estrangeiros tem formado da sua aptidão para as sciencias e para as artes. Se os francezes ou os inglezes possuissem a estatua equestre, o aqueducto das aguas livres de Lisboa, os edificios de Mafra, Batalha, Estrella, Belem &c., teriam inundado o mundo de descripções, quadros, vistas &c. destes preciosissimos monumentos das artes portuguezas, em quanto mui raros auctores entre nós apenas tratam delles: assim como não teriam faltado pomposos artigos nos jornaes francezes ou inglezes, se em qualquer daquellas nações tivessem tido logar os importantes aperfeiçoamentos, que o nosso concidadão o Sr. capitão Roquete acaba de fazer nos feixos de percussão das armas de fogo; ou alli fossem descubertos o marmore e jaspe artificiaes, de que em Lisboa se fabricam tão variados e lindos objectos. Mas assim como os excessivos panegyricos dos francezes, e os orgulhosos relatorios dos inglezes attrahem a censura dos homens sisudos, assim tambem a nossa excessiva modestia desagrada aos amigos da justiça, que desejam avaliar o merito aonde elle se acha, e ajuizar dos povos segundo o seu merecimento real.

Desejosos de que os portuguezes abandonem um excesso de silencio que de tão graves injustiças os tem feito victimas, convidâmos a imprensa periodica a que se occupe miudamente de todas as invenções e aperfeiçoamentos devidos aos nossos concidadãos, do que lhe dâmos hoje exemplo relatando o invento que o Sr. Ipacio Vielle [relojoeiro com loja na rua da Prata n.º 223] acaba de fazer d'um instrumento proprio para medir angulos diedros, isto é, formados por duas superficies planas, ao qual um professor conhecido [o Sr. Evaristo José Ferreira] deu a denominação de *Diedrogonometro*.

O Sr. Ipacio, cuja habilidade como artista por poucos é igualada e por nenhum excedida em Lisboa, tem uma applicação e possue conhecimentos superiores aos que a pratica da sua arte requer. Discipulo da aula de geometria e mechanica applicadas ás artes, [que por mau fado dos artistas de Lisboa ainda permanece interrompida] os processos e a linguagem deste artista tem por fundamentos rigorosos principios scientificos; e para ampliar estes principios, e aperfeiçoar os processos da sua tão distincta quanto interessante e difficil profissão, elle faz um estudo continuo nos auctores mais acreditados, em um dos quaes (*The Mechanic, or Compendium of practical inventions &c.*) o Sr. Ipacio encontrou a descripção de um instrumento (*Machine for obtaining the Bevel of Wheels*) ou machina para determinar o assentamento das rodas, cujas imperfeições lhe suggeriram a idéa da sua invenção, que passâmos a descrever.

Uma peça de latão AIB semicircular de 13 a 14 linhas [30 millimetros] de diametro, prolongada no sentido deste em fórma de regua BGH, com seis e meia pollegadas [176 millimetros] de comprimento, quasi seis linhas [13 millimetros] de largura, e pouco menos de meia linha [um millimetro] de espessura, constitue a primeira e principal parte do instrumento. Um limbo, semicorôa circular ou *borda* graduada AIB*men*, de tres e meia linhas [quasi 8 millimetros] de largura, com tres quartos de linha [millimetro e meio] de espessura guarnece o contorno ou periferia da parte curva da semicircumferencia, sobrepondo na primeira peça; na qual, distante do limbo ou semicorôa graduada duas e meia linhas [6 millimetros] se acha fixada outra

semicorôa *aib* sem graduação, com linha e meia [pouco mais de 3 millimetros] de largura, e tres quartos de linha [millimetro e meio] de espessura, entre a qual e o limbo ou semicorôa graduada gira uma corrediça *opqr*, em fórma de quarto de corôa circular, da espessura das duas semicorôas, a qual, pela perfeição do chanfrado tanto proprio como da semicorôa e limbo que a sustentam, tem um movimento perfeitamente regular á roda do ponto C, centro da circumferencia do limbo.

Uma segunda perna EDF, das dimensões e fórma da primeira, prende por meio de um eixo *t* á corrediça, fazendo que em qualquer situação desta, isto é, em qualquer abertura do instrumento, ao centro da semicircumferencia graduada correspondam dois pontos constantes, um de cada perna do mesmo instrumento; de fórma que, o interior CG,CD d'ellas, ajustando nas faces de um angulo diedro, marcam a sua abertura ou grandeza, e vão, pelos seus prolongamentos CE,CA, determinar no limbo a medida do mesmo angulo, pois estes prolongamentos formam o angulo ECA que o limbo marca, que é verticalmente opposto, e por isso igual ao angulo GCD.

A construcção do instrumento é perfeita, mas em particular a graduação do limbo é de uma precisão puramente mathematica, executada na excellente plataforma que possue este insigne artista, na qual se póde dividir qualquer circumferencia em um milhão e duzentas mil partes perfeitamente iguaes.

Consta-nos que o Sr. Ipacio trabalha em novos aperfeiçoamentos a este instrumento, e não nos descuidaremos de dar delles conhecimento ao publico, logo que nos sejam conhecidos.

Uma visita a Cintra.

(Concluido de pag. 300.*)*

Depois de passarmos a noite empregando parte em meditar sobre o que lá em cima na serra víramos e fallaramos, apenas amanhecia sahimo-nos á villa e juntos nos fomos entretendo em praticas, todas relativas ao que debaixo dos olhos levavamos. — Era a manhaã amena e deliciosa. Por toda a parte as formosuras da natureza nos regalavam as vistas, e convidavam o espirito a engolphar-se de novo na admiração de tantas lindezas. Em pouco nos achámos á entrada da villa, e convidando-nos a hora e o aprazivel do sitio tomámos para a ponte da Sabuga no caminho superior que leva a Collares. Decidimo-nos por este dando-lhe preferencia ao que mais baixo vai correndo e que tambem conduz á mesma villa, por ser amenisado pela suave frescura de duas fontes deleitosas, uma a já citada da Sabuga, outra a da Pipa—Caminho andando, o meu companheiro aproveitára o tempo contando-me a historia da remotissima antiguidade daquella villa d'onde sahiamos.

«Parece que em todas as epochas — disse elle — a abençoada posição da nossa Cintra attrahiu os povos, que successivamente dominaram o torrão portuguez. Já em tempo de romanos gozava ella com a antiga Ulysipo o foro de municipio romano. — Vieram as ondas dos habitantes do norte alagar as terras da peninsula, e Cintra prendeu ainda as vistas dos novos conquistadores.— Trasbordaram d'Africa as turbas mauritanas, e Cintra fez-se moura. Soou nas redemptoras montanhas das Asturias o primeiro grito da liberdade hespanhola, accordou a adormecida raça antiga e generosa — passo a passo, d'anno em anno, de seculo em seculo foi esse grito correndo e espalhando-se por todas as terras escravas do mouro. — O brado, em 717, alevantado em Oviedo foi ouvido em Lisboa e echoou em Cintra. Agora christaã, logo infiel, foi a cubiçada villa, em renhida disputa, que bem está ella desculpando, umas vezes ganhada, outras perdida, até que a valente espada de D. Affonso Henriques abriu de um golpe eterna sepultura ao dominio agareno nesta mimosa do céu, e segurou para sempre a cruz no proprio logar em que dominára o crescente. O signal da redempção substituiu o symbolo de Mahomet, a moura fez-se christaã, e christaã ficou desde então, sem que mais perturbassem as solidões da serra o grito do muezin devoto a bradar do alto da mesquita, ou voluptuoso rimance de mouro namorado a perseguir pelas fragas as odaliscas d'essa portugueza Alhambra. Confirmado em 1189 por D. Sancho 1.°, accrescentado em privilegios por D. Affonso 5.°, que ahi nasceu, e D. João 2.°, e reformado por D. Manuel que ainda lhos augmentou, data o seu foral de 1154, concedido pelo proprio conquistador, tão ardente no combate e tão generoso na victoria . . .

«Romanos e mouros lhe deixaram lembranças — interrompi eu — talhadas e affeiçoadas na pedra. Uns nas palavras escriptas em suas lapidas; outros nas marmoreas feições dos seus monumentos. Perfilharam-na portuguezes, e portuguezes a aformosearam tornando-a rica de favores, como já o era de lindezas, rica e considerada.» —

«Sim — acudiu o meu companheiro. — Não houve rei, como já vo-lo disse, que a não brindasse. Muito vos podéra sobre isso dizer, mas receio fatigar-vos. — Alguma cousa sabereis se consultardes as chronicas dos nossos reis, e a quererdes repasto maior indagai os antigos documentos, aonde pela maior parte e infelizmente jaz sepultada, esquecida e ignorada a historia das nossas cousas, que lá encontrareis ampla noticia, de certo maior do que tudo o que eu soubera contar-vos. Muito iremos vendo por este nosso caminho, e muito teremos que analysar e contemplar.

Estavamos neste momento no fim da descida, no logar aonde o caminho que seguiamos, encontrando-se com o que passa inferior, cortando a villa pelo centro fórma um só e amenissimo, convertendo-se os dois em estrada ampla, e formosamente assombrada pelas antigas e corpolentas arvores, que debruçadas do monte posto á esquerda parecia que de proposito estendiam as ramas bemfazejas para nos darem sombra e frescura, em quanto da direita se nos appresentavam a villa como abrigada n'uma quebrada da serra e os paços reaes — avultando entre a casaria o edificio da Misericordia e a igreja de S. Martinho. — Parámos aqui. Era encantadora; prendia olhos e alma esta vista e posição deliciosas. —

«Ahi tendes — disse o meu companheiro — essa real habitação, hontem tão melancholica alumiada pelos palidos raios da lua, hoje tão brilhante embellezada pelos luzeiros do sol que se alevantam. Ide lá agora e parecer-vos-hão menos tristes e pesadas as baixas e silenciosas arcarías, mais airosa a sua elegante e irregular architectura; achareis mais risonhas e resolutas as chaminés conicas, que ao cahir das sombras vos figurariam braços supplicantes erguidos para o céu, e que olhareis agora

como ardidas atalaias que lá em cima alegremente vigiam; cuidareis ver renascidos e viçosos os troços secos e nus que entrelaçam os cadavericos troncos em finos lavores nas antigas janellas. Porque a hora e o logar são diversos, porque as côres de todas as cousas renasceram e vivificaram-se, porque emfim a poesia de todos esses objectos sem perder na intenção mudou no apparente — é a outra face do prisma que se nos patentea agora. —

«Não sei — tornei eu — em qual desses dois diversos modos de vêr se encontra belleza maior, cuido porem que se agora os olhos logram mais, hontem mais ganhava a alma. —

«São cousas essas — acudiu o meu companheiro — que se apreciam segundo o particular sentir e pensar de cada pessoa. Diversos caracteres pedem diversas impressões. Sigamos, porem, para diante e acharemos muito ainda em que deleitemos as vistas e o espirito. Posto que passageiramente, já comtudo vimos o que na villa ha notavel, discorramos agora por estes arredores todos a qual mais interessante e formoso.»

Fomos com effeito ávante, e na verdade o variado e amenissimo dos arvoredos cada vez nos dava maior regalo. Aqui a fonte dos Pisões, toda rodeada de assentos que convidam a descançar, bem como o doce murmurio da agua e o tão aprazivel sussurrar de folhas que alli simultaneamente nos chamam e attrahem. Mais longe uma cascata fervendo n'uma aberta da serra, formando-lhe varios troncos velhissimos um toldo sombrio, gebemundo e espesso, todo povoado de suspiros e rumores que insensivelmente vos conduzem a phantasia ao mundo ideal de fadas, visões e amores, por pouco que sejais imaginativo e poeta. A poucos passos a estrada separando-se de novo toma duas direcções, uma superior, outra inferior.

«Por onde tomaremos? — perguntei. —

«Ambos os ramos do caminho — respondeu o meu Pylades — vão dar ao mesmo logar — á risonha Collares. — Em ambos ha que ver e notar. —

«Só o que não é possivel é que por ambos tomemos ao mesmo tempo — tornei eu rindo. —

«Nesse caso — redarguiu — preferiremos o de cima. — Veremos a Regaleira que bem merece o nome que tem.

Foi dito e feito. Pouco subiramos e eramos já chegados áquella celebrada quinta, cujo nome está affirmando a sua bondade. São alli as aguas finas e puras, por muito frias, como nevadas; fresquissimos os arredores; e mui frequentado o seu recinto. É á maneira d'um paraiso posto alli, para commodo e refrigerio de quantos uma e outra cousa vão lá buscar. Na mais apertada hora do calor, pelo sol mais ardente achareis sempre alli frescura e sombra.

Mas para que heide cançar-vos, honrado leitor ou leitora, com a narração de quantos passos demos. Basta que saibais que discorremos por aquelles formosissimos contornos, que todos são Cintra, que todos vos devem merecer e attrahir as attenções e cuidados. Vimos o campo de Setiais, de cujo echo tereis ouvido já fallar. Vimos a formosa casa dos antigos marquezes de Marialva, famosa pela mui fallada convenção de Cintra, que tão indignados brados arrancou ao fogoso Byron. Vimos fronteira á elegante fachada do palacio a orgulhosa fachada da serra. Uma campeando por seus ornatos, outra por suas arrogancias... E a linda ermida de Penha-verde que da direita lhe fica superior e sobranceira? Que vos direi eu da branca ermida, tão branca e tão linda, a alvejar por entre as fragosidades e carregada verdura dos bosques? Que impressões, que sentimentos d'alma poderia contar-vos á vista daquella ermida, se não fôra isso abusar da vossa attenção? Penha-verde!... Já que fallámos em Penha-verde não vos deixarei passar em claro a antiga morada, o venerando retiro do virtuoso *viso-rei*, em que antecedentemente o meu companheiro só de leve fallára. Penha-verde! o ninho piedoso do que enchêra o oriente com a fama dos seus feitos, da sua honra e do seu nome, do que em mui christaã modestia pedia como accrescentamento para esta sua vivenda um rochedo com seis pés d'arvores, o monte das alviçaras. Penha-verde! cujos viçosos loureiros ahi estão continuamente contando as façanhas do singelissimo heroe, e produzindo copioso fructo de honrada gloria, toda sua, todo do seu grande nome. Lá fomos tambem, lá vimos de perto o que tinhamos notado de longe.

Ao ir vendo aquelle solemne e quasi vivo monumento d'uma tamanha gloria nossa, dizia enlevado o meu companheiro: —

«Que venham estrangeiros trazer-nos os seus heroes semi-fabulados... —

«Responder-lhes-hemos com mostrar-lhes o logar aonde viveu vida de santo aquelle que lá fóra teriam elles divinisado ha muito. —

«E de sobra lhes responderemos, crede-o. Nestas ermidas semeadas por entre o arvoredo, nestes monumentinhos de catholica poesia anda a mão do generoso viso-rei... Tão valente como honrado, tão modesto como grande, tão simples de costumes como elevado de coração!... Entre os principes amigo d'alguns e admirado de todos, entre os compatriotas amado, venerado e com pasmo contemplado!... Na India, em toda a India sôa ainda o ruido do seu nome, ainda as pedras derrocadas de Diu vertem como fontes perennes o cantico da sua gloria, ainda a Europa e o mundo lhe bate as palmas como ao mais probo e mais vencedor, e ei-lo que já de tudo, e principalmente de si, esquecido, se occupa em escrever — soltas phrases do céu espalhadas na terra! — nos piedosos edificiosinhos, o melhor e o mais acabado livro de sua vida. —

«Algumas destas ermidas são, segundo creio, obra de outras mãos. —

«Mandou-as alevantar o bispo inquisidor, D. Fernando de Castro, neto do illustre D. João. — São quatro, e a principal é com a invocação de Santa Catharina — em memoria do logar [Santa Catharina do Monte-sinai] aonde seu avô fôra armado cavalleiro — corôa o monte das alviçaras, remate e o ponto mais elevado de toda a quinta.»

Muitas são as cousas dignas de attenção que alli se nos depararam, poupar-vos-hei porem as diversas considerações que em nós suscitavam os differentes objectos que viamos todos ligados a algum acontecimento, todos por tanto interessantes. Entre estes principalmente nos impressionaram os que mais singularmente nos recordavam as cousas do oriente, não só por dizerem immediato respeito ao digno *viso-rei* — cujo espirito ao visitante meditador parece ainda vaguear por entre as ramas dos arvoredos, nas capellas devotas e no interior da propria casa outrora tão simples, sendo como o genio domestico daquella tão gloriosa como poetica habitação — mas tambem por nos trazerem á memoria a lembrança do que fomos e do que ora somos! — silencio sobre isto.

Numerosas inscripções latinas por toda a parte estão fallando o nome de Castro, uma entre outras é padrão da amisade do *viso-rei* para com o infante D. Luiz, filho d'elrei D. Manuel. Um grande osso, de dimensões gigantes que se conserva n'uma das salas, e que elrei D. João 5.° mandára examinar pelos seus physicos, sendo por estes reconhecido por humano, é ainda um documento deixado do oriente pelo grande Castro. E tudo o que lá ha, e tudo o que lá se medita deitára a volumes se pelo miudo vo-lo contasse.

«Não deixemos ficar em esquecimento as ruinas de Monserrate — disse o meu companheiro como sahissemos de Penha-verde. — Se não é logar tão fertil de memorias é ao menos bem cheio de encantos. Tem curta historia, mas longos atractivos.»

Fomos. N'um monte pequeno e solto, e posto na frente de outros outeiros como guia de rebanho, ha uma casa moderna mas feita no gosto dos castellos antigos. Está a casa, posto que não conte antiguidade, cahida em ruinas, mas tão formosas são, que fazem deste logar um dos mais lindos e procurados de Cintra. Era outrora elegante, mui commoda e bem disposta habitação. Admiramos sobre tudo uma cascata artificial feita de grandissimas pedras todas por mão humana levadas alli — é uma presumida e vaidosa imitação da natureza, que para si reservou mais avultada e valente feitura. Descançámos alli largo espaço, e no entanto dizia-me o meu companheiro: —

«Quantos dias volveriam desapercebidos, passados nestes variados e picturescos sitios, e quantos livros se poderiam compôr das sensações e pensamentos recebidas e acordados aqui! Subamos porem, em quanto o sol não aperta mais, por esse caminho todo semeado de cruzes — symbolo mystico, eu te saúdo do coração! — Não nos demoremos a lembrar-nos que n'outro tempo foi este templo, em que entrámos, povoado, que o convento erguido neste calado ermo, entre estes erguidos penedos, teve animada vida. Saiamos, saiamos. — Passemos adiante, e levemos unicamente no coração que foi esta ainda uma instituição de D. João de Castro, um santo legado deixado por elle a seu filho D. Alvaro que lho cumpriu doze annos depois da sua morte (*). — Saiamos, saiamos. — Não cancemos o pensamento a considerar as virtudes dos santos varões que habitaram esta casa pobre de tudo, só mui rica de boas obras. Não entremos lá dentro, para nos não entristecermos quando virmos a mesa de pedra junto a uma fonte, aonde é fama que elrei D. Sebastião ia comer quando no convento se demorava. Deixemos tambem passar em claro a gruta rude que a piedade transformou em santa capella do crucificado — tão rude mas tão formosa e sagrada. Esquecamos a invocação da Cruz dada ao convento arrabido, de austera regra. Não contemplemos o retrato do beato Honorio que alli floreceu em penitencia e santidade. Olvidemo-nos do real sacerdote, do cardeal infante D. Henrique, que alli celebrou seus officios com os pobres franciscanos, e o constante retiro de D. Maria de Noronha, que, moça e formosa, e por muitos requestada, encerrada chorou sua viuvez sem dar descanço aos olhos nem substituto a seu defunto marido, D. Alvaro de Castro, e que alli quiz que lhe guardassem os restos veneraveis. — Saiamos, saiamos, que este logar é triste e melancholico, e hoje solitario.

Sahimos.

(*) Em 1560. O vice-rei morreu em 1548.

«Aonde iremos agora — perguntei com curiosidade. —

«Agora! — tornou o meu companheiro. — Desçamos. Voltemos á villa. Preciso espairecer e distrahir-me. Aqui na solidão o meu meditar não teria fim. Voltemos á villa. —

«Temos ainda bastante que vêr — acudi neste ponto desejoso de seguir o meu passeio. —

«Deixemo-lo para melhor occasião — respondeu. E eu respeitei a interna agitação despertada pela vista daquelle pobre convento, e reconheci a necessidade de variar de espectaculo para dar novo caminho ao espirito. Alem disso eramos viventes — tinhamos andado muito e nada comido. Voltámos á villa.

*

N. B. Julgo do meu dever dar aqui um testemunho de sinceridade e pagar um justo tributo á verdade. Nesta minha apoucada descripção — se descripção se póde chamar tão imperfeito aggregado de impressões e esboços — tomei como principal e quasi guia unico de noticias a *Memoria descriptiva de Cintra, Collares e seus arredores*, conhecida pelo titulo de *Cintra Pinturesca*. É o melhor que nesta materia conheço. É um livro bem pensado e bem executado — oxalá que todos imitassem seu auctor — a quem [por parenthesis] não tenho a honra de conhecer, mas que pela obra respeito — tirando assim do esquecimento e das fontes unicas onde se encontra ainda a formosa historia dos nossos haveres. — Não me pejo de confessar, nem tão pouco penso que o auctor da Cintra Pinturesca leve a mal o aproveitar-me e generalisar muitas cousas do seu livro precioso, cuja acquisição por sua e muito sua a confesso, bem como a gloria que d'isso lhe deve resultar. Por mim não faço mais que cumprir um preceito que tenho por santissimo, o do *suum cuique tribuc*.

[Silva Leal — Junior.]

Epitaphios turcos.

Nos cemiterios de Constantinopola, de que a pag. 25 do vol. 1.° fizemos menção, lêem-se em muitos monumentos inscripções mais ou menos emphaticas, segundo a indole dos povos orientaes: outras ha cheias de sentimento, e todas contribuem para aclarar a maneira de pensar dos turcos, que a opinião vulgar reputa barbaros. Copiaremos alguns epitaphios, transmittidos por acreditados viajantes.

Epitaphio d'uma creança. = Só Deus é eterno. = Era apenas neste mundo um botãosinho de rosa; o destino me fez murchar: mas se eu brotava nos jardins da terra era para ser transplantado a outros melhores que existem no céu.

Epitaphio d'um mancebo. = Só Deus é eterno. = Para que tantos gemidos e lagrimas, mãi infeliz? Foi da vontade de Deus; soprou e curvei-me, em suas mãos depuz o meu espirito. O que devem é rogar-lhe que no céu dê ouvidos aos meus votos. — Ó tu que passas proximo a este tumulo, recita um versiculo do Alcorão pela alma d'Ibrahim, filho do porta-bandeira, Mustafá-Agá.

Outro epitaphio. = Só Deus é eterno. = O que te peço, ó passageiro, é uma oração; que se hoje me é necessaria, tambem della precisarás para o diante. Rezai o primeiro versiculo do Alcorão por alma de Ali-Agá, mestre alfaiate.